

A NOVELLA SEMANAL



BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECCÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a colleccão com o primoroso livro **MANHA** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encaixam o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancaria se tiram por ahí dezzenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequencias para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o accessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais atrahente possivel pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos cultas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquelle: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoadá nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, enfim, da população ledora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propagação das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta coisa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encommendá, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositório de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreautes, contanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Proferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volum es por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

OS EDITORES.

Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos oferecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereço á Sociedade Editora Olegario Ribeiro - Caixa postal n. 1172 - S. Paulo.

Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer e gratuitamente, o titulo, nome do auctor preço e nome e endereço do editor de todas as obras editadas no Brasil bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remettido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotels, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possivel, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogand a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

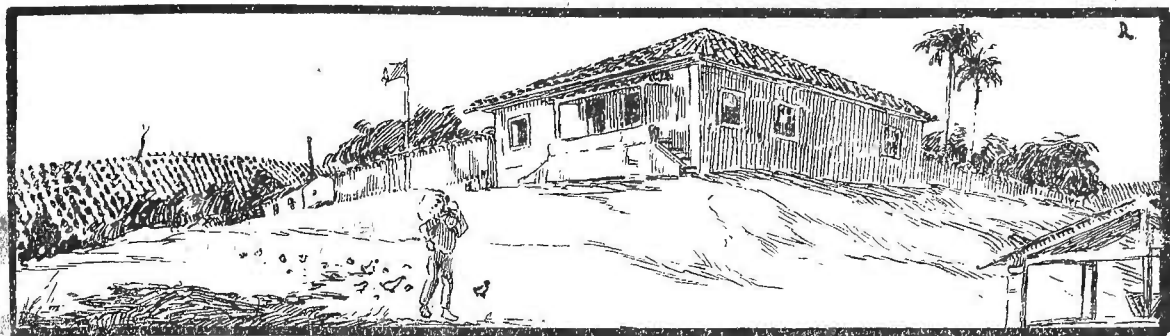
Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offerceceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

Assignaturas

Anno	20\$000
Semestre	10\$000
Trimestre	5\$000
Numero avulso	\$400



ALMA FRIVOLA — Sud Mennucci.

CHICÃO "DUAS MORTES" — Dimas Camargo Stein.

DIVINA — Jorge Falleiros.

PEITO-LARGO — Carlos da Fonseca.

SUMMARIO

TIO GABRIEL — F. Silveira.

SUPPLEMENTO — A philosophia de Tan — BRENNO FERRAZ.

A vida anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores — Euclides da Cunha — B. F.

Curiosidades literarias — O jornalismo e as letras — JOSÉ MARIA BELLO. — "Urupés" na Argentina.

Paginas esquecidas — Primavera — RAUL POMPEIA.

ALMA FRIVOLA

(De um romance gorado)

No dia seguinte o Alvaro se achava na casa do capitão Joaquim da Motta, á espera dos autos que os havia, a elle e mais a comitiva, de conduzir á chácara «Celeste».

A companhia era a mesma do jantar do dia anterior.

D. Laura, á chegada do professor, reclamou-o. Subiu no automovel com elle e só permittiu a entrada de tres petizes, dos quaes o mais velho não contava mais de sete annos.

E, enquanto o vehiculo corria sobre o pedregulho da alameda ensombrada, que conduzia á quinta, ella foi-lhe dizendo um sem numero de phrases excitantes.

Elles haviam ficado os ultimos na fila dos automoveis e, para evitar a poeira da estrada, distanciavam-se muito do ultimo que ia na frente.

— Eu gosto das almas como o senhor, solitarias e recolhidas, que mesmo nos momentos de grande alegria, não se illudem e não deixam nunca de ser o que são.

— Mas eu não sou absolutamente hypocrita e a senhora está me emprestando essa qualidade, exclamou, num riso largo, o mestre-escola.

— Não torça, Alvaro. O senhor entende-me bastante, para querer mangar commigo.

— Mangar com uma tão linda mulher? Mas seria ignobil da minha parte. Que quer que lhe

diga? Deixemos de casos intrincados de almas alheias, especialmente da minha, que escapa á minha propria analyse. Falemos mal dos outros. Não acha que seja um bom emprego?

— Por exemplo, riu maliciosamente d. Laura, falemos mal de sua namorada.

— Pois seja della.

— Dir-me-á quem é?

— Para que, si isso não passa de um flirt insignificante, em que eu sou o provocado?

— E' bonita?

— E'. A figura que, hontem, o Sebastião usou a respeito della é exacta: E' linda como uma boneca de «bisquit». Ou antes... não, porque as bonecas são, em geral feias. E' bonita mas...

— Mas... indagou a mulher anciosa, mas com ar distraído, de quem quer affectar indifferença.

— Mas não me agrada.

— Mas não a deixa.

— Minha senhora, eu não posso recusar o flirt a uma menina «chic». Iria contra as regras do bom tom.

— Que o senhor aliás não segue. Então para que affecta um sentimento que não tem? E' ser mau.

— Não é. E' mais por indolencia, porque afinal, o admirado sou eu e e enamorada é ella.

D. Laura riu, chamando-lhe extraordinario.

— Nem tanto quanto julga. Por exemplo, eu sou de uma timidez desastrosa.

— Não se diria.

— Como não? confirmou o rapaz. Então não acha tímido um moço que, desde hontem, tem a tentação de devorar-lhe os labios de beijos e ainda não o fez? Não foi falta de occasião nem de vontade.

— Foi, naturalmente, por indolencia, voltou d. Laura calmamente.

— Ou melhor por timidez. Mas garanto-lhe que, hoje mesmo, tomarei desforra.

— Querem-n'ò auctorizou?

— Pois é preciso, acaso, auctorização?

Chegaram á chacara.

— E' grande a propriedade? indagou o professor.

— Bastante para gyrar-se uma hora.

— Nesse caso dê-me o seu braço e vamos dar umas voltas por ella.

— Professor, o sr. está com intenções dabolicas!

— Quem sabe? Acaso sente-se mal em saber que dá o braço a um cavalheiro que está pouco bem disposto a scu respeito?

— Absolutamente. Não sou mulher que me espante por tão pouco.

— Então vamos.

E os dois afastaram-se, a passo lento, por uma das alamedas da quinta.

D. Laura sentia-se feliz de encontrar-se no meio das arvores amigas.

— Infelizmente não ha viração, disse serio, num ar compungido, o Alvaro.

— Para que? inquiriu a mulher, admirada.

— Para tornar o nosso passeio digno de uma descripção classica de Ponson du Terrail ou, quando menos, de uma prelecção pedagogica de dia de Festa das Arvores.

— O senhor, por mais que se esforce, não pode esquecer-se de que é ferozmente ironico.

— E' a minha mania. Não posso torcer a veia de meu temperamento.

— Podia ter outra e deixar essa, que já é velha. Hoje toda a gente faz ironias. E' moda.

— Queria que fizesse madrigaes?

— Era talvez melhor.

— Mas, d. Laura, madrigaes todo o mundo os fez e os faz. E eu preciso acompanhar a minha epoca para poder justificar o seu epitheto de extraordinario.

— Lá volta o senhor. Sabe, Alvaro, que não é assim que se agradam mulheres?

— Eu sei. Ellas preferem beijos... A senhora, comtudo, é muito alta e eu precisaria arranjar, para dar cumprimento ao preceito, uma situação qualquer para fazel-a abaixar-se ou sentar-se. Aqui não ha bancos e ha apenas dois minutos que descemos do automovel: não deve estar cansada...

Demais, eu não conheço a arte de seduzir. Não entendo da clinica do amor.

D. Laura riu clamorosamente e indagou:

— Nunca teve conquistas?

— Si as fiz? Não. Mas já fui conquistado uma vez; ainda não ha dois mezes.

— E foi o senhor o conquistado?

— Sim, porque eu nem sequer disse a essa mulher que a amava, nem por brincadeira.

— O senhor é um excentrico.

— Parece que a senhora se diverte a me applicar adjectivos. Acha-me com feição de substantivo?

Ella riu de novo:

— Está ou não justificando o meu ultimo dito?

— Não sei.

Os dois haviam chegado diante de uma latada de parreiras. Cachos máduros de uva pendiam, excitando o desejo.

Dalli avistava-se, lá em baixo, a cidade, faiscando ao sol...

— Quer chupar uvas, d. Laura?

— Quero. Mas o senhor não as alcança. Eu, que sou mais alta, não vou até lá.

— Alli está, porem, retorquiu o professor, o caixão providencial. Espere.

O rapaz apanhou o primeiro cacho. D. Laura avisinhou-se para o receber, mas achiou-se tanto que, quando ia levar o primeiro bago á bocca, o mestre escola, num movimento rapido, cingiu-lhe os braços ao pescoço e estampou-lhe nos labios seus rumorosos beijos.

A mulher correspondeu-lhe, largando o cacho e abraçando-o com toda a força.

Depois, fingindo-se arrependida, abandonou o rapaz e, baixando os olhos, disse:

— E você não entendia de coisas de amor. Foi para isto que arranjou o caixão?

— Não se zangue por tão pouca coisa!

— Foi uma accção indigna! confirmou, batendo o pé.

— Pois então, concertemol-a, diante de todo S. Luiz, que lá em baixo nos ollia, alvitrou Alvaro, apontando a cidade.

E o professor e d. Laura abraçaram-se de novo.



CHICÃO “DUAS MORTES,”

Aquelle que vae passando alli, do outro lado na calçada fronteira, chapéu de abas largas quebrado na testa, passinho afadistado, porrete preso ao punho por uma pulseira de couro curtido, é o Chicão «Duas Mortes». Eu o conheci simplesmente Chico, um caboclinho encardido e molengo, lá das bandas do norte. O nome é banal, mas o appendice que se lhe segue, tem a sua historia. E por ella se prova uma vez mais, de como, dos confrontos que os contrastes e surpresas da vida suggerem, nem sempre se podem tirar conclusões harmonicas, deducções logicas.

De pigmeu feito gigante, o heróe deste conto é uma contribuição a mais a corroborar o acerto desse illogismo. Fiquemos aqui. A vida é a Vida. E quem a fez a Babel que ella é, foi o *homo sapiens*, vulgo bicho. Sofra-lhe elle as ilações inopinadas. Já Monteiro Lobato o disse: «Moralidade ha nas fabulas. Na vida, nem sempre. E é pena». E' isso mesmo.

Pois o Chicão foi o caboclo mais preguiça que eu conheci. Em pequeno essa tendencia para députado já era soberanamente manifesta. Não porque fosse tão somente mamparreiro: é que era tambem duma obtusidade fradesca, o pobre do Chico. Se era para ir á venda lá do Manuej portuguez, comprar dois litros de farinha ou um garrafão da azulada, — «Ara, pai, mande o Dicto!»

O Dicto, um esverdinhado, enfermiço rebefto da prole maleiteira do Juca Tuvira, era a *taboa de bater roupa* do Chico. Pagava o pato sempre. Temperamento submisso, duma docilidade passiva, era um juguete nas mãos do irmão lambanceiro. Obrigava-se a tudo resignadamente, sem um murcho protesto, vencido. E era por isso tido em casa como um songamonga, um estúrdio, um lorpa refinado.

— O Chico? — «Rapaisinho sarádo este meu fio!...» impava o Tuvira ao vel-o de estillingue em punho, feroz matador dos tico-ticos das redondezas. O pae trazia já de olho uma pica-pausinha para elle quando entrasse o anno novo.

Trazia os bolsos cheios de pedregulhos, que seleccionava a capricho, para a devastação das títicas e chupins circumvisinhos. Tinha tambem um ceveiro. Ai daquelle que ousasse profanar o ceveiro do Chico! Abria logo umas guélas atroadoras e despejava sobre o audacioso o vocabulario typico dos caboclos destorcidos. Era um enxurro. A geração toda do *mardito* ficava não raro compromettida, quando não eram especificadamente cotejadas as respectivas matronas com a «Joaquininha-lambisgoia», a Barbina-Reboleira» de quem o Chico ouvia aos talúdos do bairro, em dias de festa, referencias cochichadas, só entre homens. E fechava sempre o *brilhante improviso* com a ameaça sobre todas tremenda: «Vô contá p'ra pái, lazarento do inferno!» Ante esta decisiva argumentação sumiam-se pelos atalhos os Jecas miúdos e graúdos: O Tuvira pae, um membrudo e tostado espécime dos degenerados ex-heroiços bandeirantes, tinha nome feito na zona. De uma feita rachara o côco á paulada ao Bastiãozinho Serelépe, um caboclinho pernóstico cuéra no pé, que num baile *de familia*, fizera corrar as Julietas patricias, cantando ao violão, com requebros d'olhos maliciosos e pimenta em todas as syllabas, aquella modinha indecorosa que lera no “Rio Nù”. Entreolhava-se, já com o nó na garganta, mas encolhida a um canto, encurralada, a caboclada toda. Nisto, entra na sala o Tuvira. Veiu, viu, ouviu... E ainda o Bastiãozinho não pingara o ponto no verso começado... “Óia, cachorrinho excumum...” O *gado* ninguem ouviu. O porrete do Tuvira (perobinha asseada!) cantou duas vezes. Dois gritos, que pareceram dois urros. Dois faniquitos curados com esfregações. E dois mezes de hospedagem por conta do governo á espera de julgamento. E' pleonasmo dizer-se que foi unanimissimamente (com as 17 letras bem espichadinhas) absolvido. O Dr. Sabugosa Trancoso, advogado do réu, um bacharelzinho ainda em cueiros, com *s s* sibilantes e *l l* de engasgar, com infinitos “O acusado presente, senhores jurados...” “O meu nobre collega representante do ministerio publico...” e outras chapas gastas já pelo úzo, ao terminar a peroração, pediu para o seu constituinte a absolvição, “... como era de justiça, senhores jurados, porque o Sr. José Polycarpo da Silva Tuvira, lidimo representante, esteio maximo da sociedade sertaneja de Santo Antonio do Paú d'Alho com um nobre gesto de franca repulsa ás obcenidades do famanaz capoeireiro, desafrontara os brios das timidas pucellas (os Snrs. jurados

entretolham-se) Santantoniopaudalhenses ! !”

Quatro horas depois, o Tuvira, num anguloso e melado bucephalo trotão, lá partia, póc, póc, póc, póc, para os seus dominios saudosos.

Foi assim, aos quinze annos, á sombra da fama avalentoadá do pae, que o Chico foi crendo azas e já, de vez em quando, ante a resignada covardia dum Jequinha humilhado, riscava com a ponta da perobinha o pó da estrada, cuspido ao medroso a ultima, victoriosa injuria: “Mediô, porquera !. Lavô mio !”, E nesse dia contava ao pae, engasgado de gozo, a façanhuda scena: “. . . Ranquei do porrete e invisti ! . . . tudo abriu, pae ! De lapiana na mão, lumiãno ! Ché !”, E o Tuvira babava-se

Dois annos depois, numa tarde triste de agosto, cheia da fumarada suffocante das queimadas, o Tuvira não voltou á casa como era costume. Procuraram-no debalde nas redondezas. Foi um amigo á cidade: talvez que o caboclo, mesmo sem ser dia santo ou domingo, tivesse querido *matá o bicho* na villa e, n’algum *fecha* dêsse com os cóstados no xadrez. Não sabiam delle, ninguem o vira. Voltou o portador com a desalentadóra nóva. Ao passar pelo brejo do Caviuna, o animal, esfalfado, enchia duma agua barrenta o *vazio*, a grandes goles chupados, quando o Beréva, num terror que o immobilisara, deitando esgazeados olhares para os lados, parecia cercado de visões aterradoras.

E’ que no ar parado do brejal passara, numa lufada, a exhalção putrida dum corpo em decomposição. Não havia gado nessas paragens. De mais a mais a tiguéra queimada do Tuvira não ficava longe dali. E pela imaginação apavorada do caipira em tremuras, surgiu logo como uma coisa incontéste, a verdade terrivel: Era elle ! . . .

E voltando a si do estupor que o tomara, deu de esporas e abalou desabridamente

Na casa do Tuvira, entre a fumarada suffocante dos cigarros, um cheiro activo de caninha errava no ar. O ultimo garrafão que o Dicto comprara na venda do Portuguez, já se fôra. E pelos cantos, de cócoras, cuspidando de esguicho para os lados, sombras vagas moviam-se na escuridão da sala. Vinha do quarto ao lado, de envolta com as lamentações arrastadas do Chico, a funda magua da viuva: “Tenha dó de mim, meu Deus ! Ai, Jesúis” E era tão compassada, tão monotona a toada dolorida, que uma somnolencia invadia, pesava no ar. O mulherio,

de grandes chales cruzados na frente e creancinhas macilentas penduradas nas carnes flacidas dos peitos terrosos, rezava o terço em ladainha e fazia promessas. A ladainha, já se vê, era um choromigo arrastado, dormente, enervante, como sõe ser tudo que dos gorgomilos afóra deixa o Jeca sahir como arremêdo de musica. Sons harmonicos ? Não ! Guinchos. Jeca, meu Deus ! nêmm assobia ! . . .

A ladainha . . . Nisto, rompe da porta a voz cansada do Beréva: “Achei o hóme, moçada !”, E do quarto, como si estas palavras fossem o desfecho esperado dos peditórios aos mil e um santos da Folhinha, grandes gritos estridentes partiram: “São Bão Jesus me ouviu ! Bamo nhá Rita, num chóre ! E u nun dizia pra mecêis ? ! . . .”

E vieram de roldão, na ancía incontida de faltar-se de pormenores que as acalinassem, que puzessem fim á angustiosa espera de tres dias infindaveis.

O Beréva murchara. E encolhido, amarrotando nas mãos o chapéu domingueiro, ante a anciada, angustiosa, imperativa pergunta da mulher do Tuvira, abriu, num gesto largo os braços, deseniuchou: — Tá lá no brejão do Caviuna, . . . fedêno ! !”

Nhá Rita desabou como um muro que se fendesse na base. Teve, momentos depois, “um máu successo”. E no dia seguinte, os paudalhenses tiveram um espectáculo inédito: a caminho da villa, para o descanso eterno na vala commun, lá seguiam, estrada afóra, no balanço compassado duma rede encardida, os corpos da mãe e do filho; adiante, numa carroça enprestada, o corpo disforme, violaceo, nauzeante do Tuvira, empeslava o mormaço, afugentava os curiosos. Só os córvos, famintos, vorazes, insistentes, não pareciam conformar-se com o banquete que lhes escapara ! . . .

○ Bastiãozinho, caboclinho máu, aquelle !

Cáe o pano agora, como nos dramalhões antigos. E este final de historia, que se poderia quasi chamar tambem “Alguns annos depois” como o celebrado romance de Dumas, não tem o desfecho brilhante dos do grande e fecundo romancista fidalgo. Epilogo bocejante. Culpa dos Jécas. E’ lá possivel hoje, depois que o Lobato tirou, com o bisturi da observação, de “Sobre a nudez forte da verdade, o manto diaphano da phantazia” — reeditar “Iracemás”, “Guaranys”, romantisar a vida dos Ubirajaras modernos, — pasto inexgotavel de verminoses, amareloes, ankilostomos ?

Ah! Alencar! Macedo! Quanta pilula dourada nos déstes!

A vida do Chico, após a morte tragica do pae, é facil prever-se o que tenha sido. Faltou-lhe a sombra protectora do Tuvira: foi um desmoroamento. Por outro lado, nos arraiaes inimigos, foi festejada a *quentão a limpeza* do inandachuva da zona. Muita raiva represada transbordou, muito orgulho humilhado explodiu. Não houve então, por toda aquella redondeza, quem não quizesse tirar o ventre da miseria. De 30 passou o Chico a 8. Levou *pés-do-ouvido* de estalar, munhecações puchados á sustancia, safanões afucinhantes...

Culminou tudo isso uma sóva a chicote, entre a risota escarninha e os dichotes zombeteiros da assistência: "Ué, Chico! Quedêlle as farófia? ,, Xingue nhá mãe agora, mardito!"

E o Chico, enfiado, murcho, encolhido, acovardado a um canto, metteu dó aos circumstantes: "Chega, Bermiro! Isso tamém num se fáis!..."

Desd'ahi era uma indignidade bater no Chico. Era degradante. Quem foi que disse que Jéca não tem dignidade?

Os factos respondem por si. E este é um caso isolado. A verdade é que, aos vinte annos, o estiolado rebento a que faltara a seiva forte de tronco uberrimo, abatido á tração na grotta escura duma restinga — morreu em vida, mas de morte moral.

E morreu porque casou. Casou... Casou com a Isabézinha, filha da "Reboleira", para que se tivesse mais uma vez a confirmação do que reza o mais sabio brocardo popular: "Filho de peixe..."

E como nesse tempo já Santos Dumont tinha revolucionado a sciencia do Ar e contornava ante os basbaques de Pariz a Torre Eiffel na sua "Antoniette", e já tivessem chegado até Pau d'Alho as zabumbas da Glória patricia e as consequentes curvaturas da Europa ante o Brasil, nos versos do defuncto Eduardo das Neves, julgou de bom aviso a trefega loireira, dar de azas tambem... E numa noite estrellada, feita de encomenda para os primordios de romances em brochura, com figura na capa, a dez tostões o volume, — emquanto o Chico, espapaçado, roncava de lado, ella abalou sorrateiramente nos braços dum soldado de policia...

Elle, coitado, deixou-se estar. Choveram remoques, chufas, escarneos babados de gozo á desgraça humilhada do Chico. Cantaram ao violão, com denguiques na voz, o caso escandaloso.

Não houve dito picante, allusão ferina, picuinha mordente que não estravasasse. Chafurdaram-lhe a vida, chapinharam-lhe a reputação. O Chico, moita. Por fim, deram treguas á campanha sorrída e torpe. A matúla, á falta de revide que a açulasse, debandon indenne. Treguas forçadas. Ninguem luta com a propria sombra....

Exilado pelo desprezo ambiente, num isolamento raras vezes quebrado por antigos amigos de seu pae, o misero, roida a pequena herança paterna, conheceu mais um inimigo: a miseria. E vinham-lhe á mente, então, os saudosos tempos da sua meninice, a casinha varrida, rebocada de novo, a meza farta, a ruidosa alegria do Tuvira. Como isso tudo se fora tão bruscamente epilogar numa emboscada covarde, tocaia armada pela astucia brutal duma alma mesquinha! A sua felicidade se dissipara ao sopro de morte que dissipara no brejal do Caviuna, a fumaça assassina. Nasceu-lhe então no peito, como labareda que irrompe dum palheiro, um odio surdo, implacavel, feroz, contra o matador covarde de seu pae.

Egoista mesmo na vingança, elle queria desforrar-se, não do assassino que o orphanara ao 17 annos, mas daquelle que o privára da abastança, até então tão commodamente gozada e que o fizera alvo, agora, da chufa e da risota escarninha daquelles a quem elle dominara outróra, á sombra de quaesquer riscos, sob o prestigio convincente da fama avalentoadá do Tuvira. Obcecado por essa ideia, ruminou de mil modos, no isolamento soturno da tapérra, o remate brutal da scena antegozada. E um riso diabolico lhe arregaçava os labios sedentos; e ficava a olhar, rangendo sinistramente os dentes, um ponto escuro do quarto: lá estava, como a sua imaginação o desenhava, o quadro dantesco: de bôrco, escabulando no pó que o sangue espastava, uma sombra vaga, que num fio de voz, pedia agua.

E elle ia espojar-se, espostejar o corpo á lanhadas, canibalesçamente, horrido e sanhudo... Tropeçava.... E offegante e febril, porejando-lhe do rosto, em camarinhas grossas, um suor gelado, quedava-se aparvalhado, hirto, bestialisado.

E ás vezes, quando o cansaço venicia a agitação que o tomava e elle conseguia conciliar o somno, já pelas frinças do reboque cahido, vinha um retalho vivo do sól bejar-lhe a grenha hirsuta....

Eu sou fatalista. O nosso destino, mal aportamos á vida, traça-o indelevelmente o Summo Creador: e tanto podem nascer para o mundo

dum mesmo santificado connubio, banqueiros respeitáveis e respeitados bandidos, homens d'alma lavada e limpa consciencia ou requintados canalhas. Não ha fugir: a rota traçada pelo dedo invisivel ha de ser palmilhada. E' pôr isso que a vida é cheia de surpresas. Homens de reputação illibada e caracter impolluto acabam, não raro, como ratoeiros vulgares; facinorosos bandidos fazem de herões de romance; homens de vida intensa e trabalho activo, aquebrados ao peso das agruras no mourejar quotidiano, esmolam famintamente uma códea de pão, na velhice honrada e veneranda. E, ironia da sorte! — ladravazes traficantes, para quem a honra é um peso incommodo e a dignidade um mytho, — ostentam a sua opulencia regalada e o seu cynismo victorioso, soberbos de empafia e damos-lhes Excellencia! . . .”

Nem sempre se vence na vida tendo o Bem por divisa e a sã Morai por dogma. Isto é velho e sedição: e antes que eu descambe a pontificar no intrincado cipoal da philosophia de algibeira, reatemos o fio da historia, que, com philosophia e tudo, quasi nem vale a tinta . . .

Pois é assim: o homem põe e Deus dispõe. . .
“O que tem de ser tem força!”

Vai dahi, o nosso Chico, com uma intuição naturalissima, fundamentada em exemplos da propria ascendencia, resolve, num golpe á gran-guignol, fazer-se o continuador invejado da glorióla paterna. Nada detem o curso da vida; nem a morte, dizem os que crêm na transmigração das almas e na vida futura.

E a roda da vida, — motu-continuo donde nasceu a roda loterica — na caprichosa indifferença da sua engrenagem silenciosa, vai extrahindo ás dezenas, os bilhetes premiados, (os a quem a fortuna sorri) aos milhares, os *bilhetes corridos*, como diz o vulgo (os que falharam na vida . . .) e os que, muito sovinaamente nos dão o mesmo dinheiro. São aquelles a quem o zombeteiro rifão satirisa: “Quem nasceu p'ra vintem não chega a tostão...”

O Chico queria chegar. A Sorte, que é varia e inconstante, porque é bem feminina, deu-lhe a mão.

Era em agosto. Um cansaço bocejante entorpecia os membros, convidava ao repouso ou ao banho frio estimulante. Feitas as roçadas, os Jécas deitavam-lhes fogo e iam socegradamente mamparrear em casa. Pouco se lhes dava que o fogo insaciavel lambesse em labaredas vorazes o mata-gal visinho. A sua quarta de terra, o meio al-

queire de tiguéra, isso sim, era o que lhes importava. Numa cinzenta manhã de sexta-feira, uma noticia alvoroçante agitou a pasmaceira geral da pacata Pau d'Alho: O Bastiãozinho tornara á villa. Já não tinha agora aquelle ar acapoeirado, petulante e rixento d'outróra. Do Se-relepe antigo só conservava o permostico bigodinho retorcido e a paixão racial pela modinha e o violão. Não viéra só: e isto era o que mais escandalisara as recatadas matronas paudalhenses. Trouxera de braço, rebolante e pimpona, uma espevitada figura rescendendo á *Frér d'Amú* nacional. E logo que alguém os viu, uma vóz esganiçada de mulher bisbilhotou p'ra dentro: “Venham vê gente! A delambida da Zabé . . . Chi! Que canaice! . . .”

A scena se repetiu. Ferveram commentarios em torno do caso. “Ah! póvre do Chico!” Era com effeito a Izabézinha do Chico, que numa noite enluarada quebrara os sagrados laços, numa réles aventura com um soldado. Poucos mezes depois elle a deixara, como traste de difficil transporte. Ella ficára, então, como náu desarvorada, entregue aos caprichos da sorte. Viveu ao léo, curtiu angustias amargas, jungida á vida aventureosa e errante que herdara pelo sangue e pelo exemplo. Um acaso fortuito os aproximou. Desde ahi não se largaram mais. Ella, precavida e caçada, confiou-se ao braço forte do amante. Elle, temeroso porque suspeitado, logrou alliar-se a quem poderia, por despeito e vingança, denuncial-o. O crime busca o crime: completaram-se, pois.

Assim viveram largos annos. Um dia, passou-lhes pela ideia a imagem saudosa da terrinha distante. Que saudade! Um vago receio o tomava: e si o prendessem? Mas que provas havia? E quem tinha lá interesse em denuncial-o? — O Chico . . .

Mas esse, acovardado, pusilanime e cretino, não lhe dava cuidados. Os demais tinham até festejado a quantão o tragico fim do Tuvira. Alem disso, de antemão contava como o descaso das autoridades da comarca, que só tinham rigor para os casos politicos, alheios a tudo que não fosse ferir os interesses da camarilha absorvente. Ella, por seu lado, conhecia á farta o marido. As ultimas duvidas se desvaneceram. E arranjaram as malas.

Nessa noite, na casa do Ventura, ia animado o bate-pé. No largo terreiro da frente, á luz prateada d'uma bojudia lua cheia, um grupo bulhento sapateava ao violão. Num claro aberto ao meio

o Serelépe, de collarinho celuloide e gravata vermelha borboleta, gemia, em nostalgico descante, o exilio dondê tornára.

Andei mundo, corri terra,
 'tive até no Paraguay,
 Deixei os amigo véio
 Mas agóra . . . nunca mái !

E um caboclinho fanhoso, o literato da terra, dado a leituras nas horas vagas, com rasoavel estoque de versos de Vitruvio, proezas de Sherlock, e pieguices de Macedo, a suspirada aspiração de toda a *lindeza* de Pau d'Alho, — pigarreou e,

Assúca preto e mascavo,
 Só se compra no varejo ;
 «Nunca mais» já disse o corvo
 Quando perdeu o seu queijo . . .

Toda a roda riu da allusão mofina. O Serelépe deu de hombros e tornou :

Ninguém diga que num vórta,
 Quano arruma a trouxa e saí.
 Quéro morrê nesta terra
 Onde tenho mãi e pai.

E a roda, num sapateado vivo, repetiu, plangente a copla final :

«Quero morrê nesta terra
 Onde tenho mãi e pai . . .»

E o fanhoso vate, sem esperar pela resposta, alteou a vóz e cantou :

Quem arruma a trouxa e saí,
 E' que tem negocio sério ;
 Eu conheço um carnicheiro
 Que já foi barão no império . . .

Jogadô quano é matrêro,
 Pra jogá prepára o maço,
 Serelépe é bicho espérto,
 Mas um dia cái no laço

“Eta [cabocro d'espírito ! Chupa truço, Bastiãozinho ! ,” E este, apontando para a companheira que o olhava embevecida, chorou no pinho:

A muié que agrada os hóme,
 Tem sempre cintura fina ;
 Serelépe cái no laço
 Se for sóрте, se for sina

Quano chegá minha hóra,
 Um só desejo me anima .
 Na cóva de sete pármto,

— Eu embaixo, ella em cima

Não tenho medo da morte
 Seja a mais feia que fô

Quéro i depindurado
 Nas azas do meu amô

. nas azas do meu amô !

E o bate-pé ferveu em roda viva, até que pelas tres da manhã, os primeiros parceiros foram

sahindo. “Té aminhá, minha gente !” E o Serelépe, repinicando ao violão uma polkinha saltitante, rumou para casa com a companheira.

Foi se fazendo silencio. De longe em longe, numa volta de caminho, os que se separam davam os “Té aminhá” do costume. O vento trazia, de vez em quando, o écho amortecido dum tiro á distancia, praxe costumeira de fim de festa na roça. As estrellas fugiam ariscas aos primordios dum dia de canicula. Pela estrada deserta ia o par cantarolando. Scenas rememoradas, impressões fugitivas obrigavam de quando em quando a comentarios jocosos. Um longo silencio depois.

Estavam cansados, dêrreados, anciosos por se pilharem em casa, na larga cama de coicha de retalhos e fronhas com monograma. Uma macéga, seguida de arbustos cerrados, fez-lhes ver que estavam chegando. Isto animou-os. Deram-se os abraços. Elle enlaçou-a pela cinta, carinhoso, ella cingiu-lhe o pescoço, amorosa. E robustecidos pela paixão que unira os seus destinos, — plangente, melodioso, evocando agruras passadas, entoaram em dueto um descante em surdina :

Quano chegá minha hóra
 Um só desejo me anima ;
 Na cóva de sete pármto,
 — Eu embaixo, ella em cima . . .

Não tenho medo da morte
 Seja a mais feia que fô ;
 Quero i depindurado
 Nas azas do meu amô ! . . .

E num movimento brusco, peito a peito, uniram com força os labios sedentos

Da macéga ao lado, um urro de féra a quem tomaram a preza, partiu.

E os dois canos duma garrucha, duma só vez despejaram, num estrondo de roqueira, a metralha assassina. E antes que se dissipasse a fumurada que succedeu ao clarão do fogo, um vulto cahiu sobre elles. Á luz pallida das ultimas estrellas — mudas testemunhas do nefando crime, — um brilho argenteo faiscou no ar . . .

Mas o abraço durava . . . A morte que os surprehendera num arroubo de amor, inteiriçara-lhes os membros. E rijos, tezos, hirtos, como um pinheiro que se abate, os dois corpos tombaram. E sobre elles então, naquelles corpos que a morte unira num abraço titanico, fundidos num ultimo beijo, unificados para a viagem eterna, num furor iconoclasta, satanico, espantoso, o herdeiro das glorias paternas, cevou-se na vingança hedionda. O facalhão brutal com que o velho

Tuvira já abatera no moirão do terreiro as rezes passivas, estraçou a lanhadas, na sanha horrenda da desforra covarde, os corpos exanimés.

E o abraço não se desfez. E na bocca escancarada, hediondamente disforme, do Serelépe, que a claridade diffusa deixava entrever, pairava, num riso escarninho e mofino, a alegria derradeira do que baqueia

..... nas azas do seu amô.....

O resto é pouco. Enoja até.

Realmente, não é uma pilheria o jury? terão sempre os honestissimos srs. juizes de facto a isenção de animo, a clarividente vizão dos factos, a integridade moral consentanea a tão melindrosa missão? Ha os que vão ao jury como quem vai ao theatro: si a peça é boa, mas de um desafecto, quando a não vaíam, condemnam-na com o frio indifferentismo com que a recebem. Si é má, mas o auctor é da rodinha d'elles, fazem de cláque e estrugem aplausos. Epilogo corriqueiro: Doze reses escolhidas a dedo pelas defeza, mais um palavriado ôco despejado em jorros, berrado sobre a sonnolência enfastiada dos srs. jurados, e o juiz pingou o ponto final do caso. E por unanimidade, está claro, que no alto conceito dos seus julgadores, o nobre gesto do Chicão-Duas-Mortes, fora uma desaffronta de honra ultrajada e um nobilissimo exemplo de amor filial...

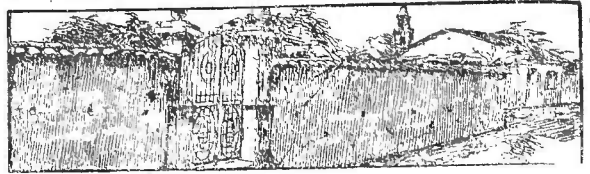
Da cadeia para a casa do chefe: um terno novo, um par de botas, uma pelega de 200. Cabo eleitoral de 1.a. Temido nos arraiaes da opposição; figura indispensavel, obrigatoria, necessaria, de toda situação dominante que se preza. O Chico venceu.

Não desanimem os que bracejam no mar largo da vida, sem a visão confortadora dum escalér salvador. O exemplo é tentador. Força é seguil-o. Vivam os magarefes!!

— Que é que resnungas? — Moralidade? — Ingenuo que és! "Moralidade ha nas fabulas! Na vida, nem sempre. E é pena."

Tieté.

DIMAS CAMARGO STEIN



D I V I N A

Meu irmão e eu somos estudantes de Engenharia. Chamo-me Pedro, elle se chama Paulo. Gostamos muito de dansar. Isto depois de termos frequentado uma Escola de Dansa que nos custava 60\$0000 por mez, o que representava um desfalque enorme na mezada. Fomos, outro dia, a um baile no Trianon, em beneficio não sei de que casa de caridade, para recolhimento de creanças pobres. Paulo valsou com uma moça bonita que lhe deitou uns olhos compridos. Foi quanto bastou para entabolarem um namoro que, por desequilibrado, não me pareceu gracioso. Passaram assim até á madrugada.

Ao nos retirarmos Paulo me disse que era ella filha duma das familias mais distinctas da Paulicéa. Chamava-se Marianna e morava não sei em que palacete da Alameda Barão de Limeira.

Pobre rapaz! Queria por força ir visital-a, conforme ella o havia convidado. Acabou pedindo-me que o acompanhasse: — Sem ti não vou, disse-me. Accedi. Quando deixamos o palacete da Bella procurei dissuadil-o.

— Olha, não sejas tolo. A moça é formosa, é rica, é de bôa familia, é tudo quanto quizeres, mas não será nunca tua esposa.

— Isso dizes tu... e quaes são as razões para tal affirmares?

— Eu? motivos?... Ora bolas! eu sei...

— Sabes como?

— Escuta, quero ser franco: tua pretensa namorada é para contigo duma indiferença quasi desdenhosa...

— Desdenhosa?

— Desdenhosa. Não lhe viste aquelle modo de perguntar: — Sim?... E?... E', é?... — a tudo quanto lhe dizias?

— Qual! historias! Vá sahindo! São elegancias que não comprehendes. A propria indiferença é o encanto das mulheres.

— Bom, se é assim, faze o que entenderes.

Aquella sua idéa a respeito da indiferença das mulheres lisonjeou tanto a sua vaidade de poeta (porque é um poeta) que, ao outro dia, veio me trazer um soneto que terminava por este verso:

Indifferente, má, quasi divina».

II

Não digo mais nada; um mez depois da primeira visita Paulo era noivo da senhorita Marianna. Fiquei boquiaberto, mas, nem por isso, dividando menos. Pudera não! Se a familia havia pedido prazo até ao dia da formatura!

III

O contracto que acabo de narrar se deu ha uns dois mezes mais ou menos. Hontem assisti ao casamento do meu irmão. Não houve outra assistencia além da minha. Fizemos a cousa ás escondidas.

— Como assim? perguntará o leitor — pois a noiva não tinha pedido um prazo enorme?

De facto; mas é que elle não se casou com a noiva. Casou-se com uma pequena italiana, costureirinha corriqueira.

Paulo tinha o má costume (por mim varias vezes reprehendido) de ir estudar no Largo do Arouche porque o nosso quarto é um tanto escuro. Ora, aconteceu que a italianinha passava por allí todos os dias, e elles se entreolhavam mutuamente. E, como o Diabo escreve torto por linhas direitas... o resto o leitor já sabe. Tambem o pae della veio a saber e quiz que a policia tambem o soubesse. Esta forçou meu irmão ao casamento. Uma desgraça! Fiquei desconsolado.

— Mas Paulo, — disse a meu irmão — que fizeste? Deitaste a perder a tua honra, a honra da nossa familia, todo o teu futuro...

Como, porém, elle começasse a chorar como uma creança, de tal maneira que fazia dó, tive pena d'elle. Consolei-o:

— Mas afinal... agora... que diabo!

IV

Hoje estava eu fingindo esperar o bonde no Largo dos Guayanazes, quando me encontrôu um collega de pensão.

— Estavas esperando o bonde?

— Não. Estava te esperando a ti para prosarmos.

Não tínhamos prosa. Passou por nós uma rapariga.

— Divina, pois não? — fez-me elle.

— Deixa disso! — respondi com uma idéa fixa. Só houve na terra uma mulher divina.

— Qual terá sido, Deus de bondade!

— Foi a noiva de meu irmão no momento em que soube do casamento d'elle.

— Estás maluco?

— De facto, aquella indifferença foi divina.

Uma divina indifferença. Não riu, não sorriu, não chorou, não cahiu desmaiada, não sentiu a menor emoção; disse apenas: — Esses estudantes são uns infelizes; qualquei italianinha os perde Divina, pois não achas?

S. Paulo 1921.

JORGE FALLEIROS



PEITO-LARGO

Eram decorridos alguns anos dês que o Guedes comprara uma escassa bem que fértil gleba na sesmaria "dos Cedros," quando lhe nasceu a Esmera, "Merinha," consoante tratamento caseiro, que era o alvo dos seus mimos, o ai Jesus! da casa.

Ajudava-o valentemente nas roças o filho mais velho, o Neco, que já ia pelos vinte, com uma notável estatura, torso de lutador e pulsos respeitaveis e tal arcabouço que bem justificava a alcunha com que mais tarde vieram a nomeá-lo.

Sua indole e ações nada prenunciavam então que justificasse o renome e por completo brigavam com esse sugestivo e lendário nome de guerra: era um borrêgo simples, morigerado e timorato. Se ia a festa, como sofrível folgaz e moço que era, jamais alguêm o vira exceder-se em bebidas, tomar de cartas para jogar dinheiro ou rentar a qualquer. Ia aos terços e motirões, sem prescindir de convites, e tal era o seu porte nessas reuniões, como em toda parte, que chegavam a cumprimentar o Guedes pelo filho que possuía, o qual era por outro pais apontado á prole como modelo.

Na peroração das paternais admonendas suspiravam: — Se Deus me houvesse dado um filho como o Neco!

Aquele sim! Trabalha em casa toda a semana e aos domingos, antes do pasaeio ou da caçada, vai á missa. Não se recolhe para o quartinho á noite sem a bênção do pai, para que tenha um bom sono e seja feliz. Ali está um rapaz ás direitas!

Acompanhava a irmã á missa ou a algum vizinho que reclama sua presença dela para que desse uma demão ás panelas ou ao forno, se o cumprimento de um voto religioso determinava para algum sábado ou véspera de santificado uma

ladainha em oblata ao santo respectivo, sucedida da ceia e danças consuetas.

Reconhecidamente habil, péchosa em todos os seus dons caseiros, a moça já aos dezesseis anos era admirada pela diligencia e pelo esmero com que, bem justificando o seu noime, se desobrigava de tais tarefas. Caseira e dedicada aos seus, era parca de sorrisos, avara de suas graças, com medida em palavras, mantendo onde quer que aparecesse a mais irrepreensível e louvável compostura.

Seis meses, se tanto, havia que se mudara para os "Cedros" uma familia procedente de municipio cercão. As visitas usuais, a reciprocidade de serviços em motirões, ocasionaram para logo a aproximação das duas familias.

O Benedicto, "Dito", como lhe chamavam em casa, filho dos nossos vizinhos, em pouco acamaraçou-se ao Neco, que a miudo o levava para casa, aos sabados, ingressando-o até á cozinha, onde conversavam junto ao fogo, conversas que muita vez eram continuadas no quarto do hospedeiro, onde o hospede evocava saudoso os encantos do "Arvaré", como êle chamava á cidade paulista, estropiando-lhe o nome.

Esse acotiar á casa do Guedes o foi, dia a dia, rendendo aos encantos de Esmera e a sua apropiada guapice e rebuscada destreza ao trabalho grangearam-lhe em breve a sua confiança. Assoalhou-se pelo bairro que a menina deixara de ser a princeza encantada dos contos e topara finalmente homem que lhe baldasse a timidez e lhe frustrasse a esquivaça. Diziam-nos até noivos.

Decorrido o tempo preciso para que se colhessem as informações sobre o pretendente, periodo de observação que se impusera o velho, foi o "Dito" admitido a participar dos trabalhos, penas e alegrias da familia como seu futuro membro.

Já o vizinho se lembrava, queixando-se, de que "quem casa uma filha ganha mais um filho e quem casa um filho perde-o." Era o que lhe ia fazer o Guedes, usurpando-lhe os direitos e talvez a afeição do filho.

Falava-se em marcar o dia, quando as visitas do noivo se foram espaciando, até que de vez se cortaram. A' menina foi-se-lhe crescendo o retraimento, tornando-se mais recolhida, rindo-se raras vezes.

Deixou de sair, declinando dos mais instantes e amáveis convites.

E a choquice deu-lhe para a palidez: parecia doente.

O boato malévollo, o abominando, onsta, espa-

lliou de casa em casa que o decoro da casa do Guedes fora conspurcado pelo Dito e que a pobre Esmera ia ver-se constringida pelos tentáculos de um dilema: a casar-se a todo transe com o chasquete do rapaz que a desdenhava, ou a eivar para sempre a honesta velhice do pai e as honrosas, bem que humildes, tradições da familia.

Avultava-se a murmuração odiosa, insinuando que Esmera já não podia agora dissimular a pressa, talvez a leviandade com que afiusara nos protestos do noivo infame: sua falta, dia a dia, se tornava conhecida, evidente.

Pela manhã de Maio, eneblinada e fria, a pequena e desordenada estação ferro-viária, de pouco levantada no seio da mata, vinha se animando, com a aproximação da hora em que devia passar o único trem diário de passageiros que a visitava.

Chegaram fazendeiros, de chapéu de palha, brancos, envergando sobretudos, rebuçados com cachinés e repetendo-se nas almofadas do tróli; ora um cavaleiro moço, de botas e rebenque, precedendo ao pagem condutor da mala e que recebia as bridas ao apeiar-se o patrão.

Alguns, trigosos e impacientes, iam-se abeirando da bilheteria deserta, a contar dinheiro, tirando do bolso do colete os niqueis para perfazerem o custo da passagem. Ociosos passeavam a plataforma, indiferentes, em passos á toa, e pretas quitadeiras, descobrindo taboleiros portáteis, expunham, junto á parede do edificio, as suas mercês.

Um silvo possante, novelos de fumo entrevistados na proxima curva e, em uma gradativa contenção de marcha, o combóio abeirou-se, ruidoso, a resfolgar. Um rapaz vestindo talvez a sua melhor e mais nova fatiota de brim, que desde pela manhã aí estava, já de posse da passagem, tomou o estribo de um carro de segunda, entrou, sentou-se junto a uma janela, cujo vidro desceu, e pôs-se a olhar para fóra, com um ar de satisfação e tranqullidade.

Um cavaleiro a meio galope sustou o animal junto á cerca que guarnece a linha e, apeando-se, varou pela estação, abrigado por um espesso poncho-pala, cuja gola levantara até o queixo. Dirigindo-se para o trem, defrontava conhecidos que o cumprimentavam:

— Olá, "seu" Neco! Então por aqui? Bom dia.

— E' verdade. Bom dia...

O viajante moço, debruçado á janela, ao vê-lo aproximar-se, intimou-lhe com arrogância:

— Pare aí. Acho bom você não se chegar muito, não.

O Neco, com um amargo sorriso, parou, obtendo persuasivo e calmo:

— Que é que você receia, Dito? Não brigo com ninguém, como você sabe, e não trago arma. Olhe. E, tirando as mãos de sob o pala, agitou-as abertas, acrescentando, conciliador:

— Vim só para conversarmos um pouco. Então é certo que se vai embora?

— Para Botucatu. Estou entejado do sertão. Você embarca também?

— Não. Lá em casa estão chorando, por amor de você... E o casamento, Dito, não sai mesmo? Minha irmã como fica?

— Ora essa! Fica como era: nada lhe fiz, não lhe tirei nenhum pedaço... Casa com outro; há tanto rapaz por aí.

O Neco voltou o rosto, por esconder a palidez, e continuou:

— Não é isso. Você bem sabe e está se fazendo desentendido. Merinha não pode casar com outro. E, aproximando-se mais, perguntou em voz frouxa, com um tom de profunda angústia:

— E... a criança, Dito?

— O filho? Tudo se remedia: você casa e leva-o para criar. Não gosta de um sobrinho?

Curiosos, interessados no dialogo, saboreando o cómico e o inédito da scena, os circumstantes sentiam-se boquiabrir ante aquela incrível poltroeira. Um viajante, apoiado ao "break", retirou-se cuspiendo, enojado, a murmurar:

— Apre! Já é não prestar! Tamanho homem! Quem ouve destas e nada faz...

O Neco baixou a cabeça trémulo, meio cego, lívido, cruzando os braços ao largo peito, sob o pala; e, como se calasse, o interlocutor perguntou a escarnear:

— Então, é só? Olhe que já houve signal de embarque...

— E minha irmã? Pense...

— Não tenho tempo de pensar. Adeus! Quer alguma cousa para Botucatu?

— Nada. Muito obrigado! Boa viagem.

O Dito, triunfante, a impar, esterdeu a mão:

— Então, adeus, Neco...

O rapaz, que já descruzara os braços, deixando-os caídos aos flancos, quando já tangera uma sineta e a locomotiva arrancava, tirou rapidamente uma arma.

O estrugir de um tiro misturou-se ao silvo de partida e ao entrecocar de ferros em movimento.

Quando, passada a estupefação da surpresa e do terror súbito, alguém se lembrou do aparelho de alarma, já o trem corria, levando o cadaver de um passageiro.

Na estação, antes que acodisse a ação e a iniciativa ás duas únicas praças de policia presentes, já o Neco, pouco antes apodado de poltrão, desaparecia pela estrada arenosa paralela ao leito da linha.

Mais tarde, quando foi a júri, aureolado pela simpatia popular, aclamavam-no e os jornais lhe faziam referências cheias de subtítulos, chamando-lhe Neco Guedes, o Peito-largo.

Indiferente a essa significativa antonomasia, o Neco acareou a estima, a admiração e o respeito gerais.

Peito largo é hoje, até onde vai a sua fama, simultaneamente temido e bemquisto.

Venda a que elle chegue deserta-se logo e a sua presença desfaz rugas em começo, é portadora de reconciliação e de ordem. No entanto continú sendo êle em casa o calado, o pacifico, o cangueiro de outros tempos.

Pirajú (S. Paulo) 1898.

CARLOS DA FONSECA



TIO GABRIEL

Chovia desregradamente e as aguas cahindo no inferno do monjolo velho, enchiam de clamores aquella noite escura. Com as barbas derramadas sobre o ponche azul, mãos espalmadas para o calor da lareira, pois que a estação era de inverno, entretia-nos o nosso pae, recordando o seu tempo de moço, quando enganava as velhas por causa das jovens e usava gravata de laço longo para os exames em Palacio. Não fôra songo e os seus olhos, rebrilhando nas orbitas fundas, diziam muito em abono dos feitos que nos ia narrando. As montarias e os novillos nedios da chacara do Pary; as fugas do collegio dos educandos em Sant'Anna, as festas da Penha e, sobre tudo, os sustos ao preto Manoelão, doceiro de Sinhazinha Machado, passavam vividamente pela nossa imaginação exaltada ao calor do brazido, aos arru-bos por vezes eloquentes do narrador. E a conversa derivava deliciosa, cheia de encantos para nós, cheia de saudades para o ancião. Gabriel, o heróe de todas as façanhas, companheiro e salvador daquelle que, para nós, tomava as proporções dum ser divino, insinuou-se em nosso affecto, assenhoreou-se da nossa alma. Quem era esse Gabriel?

— Quem era? pois ainda não sabem que falo do seu tio Gabriel? Arre!...

Uma dessas pausas communs nas palestras, so-

breveio á exclamação do velho que, em silencio, apertava com a unha do pollegar a ponta encanecida do cigarro, pensativo a olhar os carvões crepitando no ladrilho.

— Em que está pensando? interrogou um de nós.

— “Não sei porque, respondeu-nos, fui soprar essa cinza, essa poeira que os annos haviam acamado por sobre tantas passagens da minha mocidade! Olhem, o coração da gente é como este brazido: venha a recordação reavival-o como faz a aragem ao fogo e as saudades se ateiam como brazas, queimando mais do que ellas.

Disse tanto do mano Gabriel e elle, coitado! onde estará a estas horas? Desde que a esposa morreu, nem conmigo quiz morar; andava largado, sosinho, alma penada a cumprir um fadario triste, assombrando os viajeiros das estradas do oeste. Nunca mais soube d'elle; talvez já não exista, o pobre! Quem lhe haveria cavado a cova? talvez morresse ao longo dos caminhos, sem uma prece, sem uma cruz para dizer que alli dormia um christão. Nem sei porque fui tocar nesses trechos do meu passado, que me dormiam cá dentro, no velho coração, frios como em cemiterio.”

Seus grandes olhos choravam e nós commovidos viamos tambem entre lagrimas, a cova pobre do tio infeliz, sem epitaphio e sem cruz.

Lá fóra, continuava a chuva fragorosamente e as aguas, cahindo no inferno do monjolo velho, enchiam a noite escura de clamores. Um medo se apoderou de nós. Era já bem tarde e o vento, soprando no beiral, lembrava choros, imitava gemidos. Recahimos num silencio mortal; amedrontados, não ousavamos fitar uns os outros, quando uma voz forte nos gelou o sangue com um poderosissimo — “O’ de casa!” Ninguem respondeu. Quem seria? Era fanhosa a voz. “Vou abrir a porta,” disse o nosso pae. Não vá — gritamos nós. E nesse entremeio de “vou” “não vá”, amainhou-se o vento; aproveitando a calada, a mesma voz retumbou e desta vez, accrescentando o nome do chefe da familia. Não havia duvida, era gente conhecida. A porta se abriu. No fundo negro da noite, mal alumiado pela chamma dum lampeão, pudemos apenas ver um homem alto, grande chapéu na cabeça, molhado inteirinho. Um sopro de vento apagou a luz. “Entre!” foi o que ouvimos e depois, o ranger dos quicios emperrados da porta que se fecha. No clarão dava sala-de-jantar, com voz tremula apresentou-nos o nosso pae ao desconhecido: “seus sobrinhos”; e a nós: “seu tio Gabriel”. Tio Gabriel! Possivel?! e precipitamo-nos para os braços d'elle, enchemol-o de caricias. Mas, os seus olhos fundos trasvasavam

se duma luz triste, melancolica, apagada. O sofrimento extinguiu o brilho daquellas pupillas negras. Reavivou-se a lareira, crepitou o lume para guizados ligeiros, enquanto o nosso progenitor rejuvenecido até, narrava ao tio Gabriel os pensamentos funebres que tiveramos sobre a sua pessoa. “Ora veja, mano: choravamos a sua morte e você bem vivo, tão perto de nós; foi Deus que nos enviou aquellas maguas para melhor gozarmos este encontro inesperado. Chega de tanto peregrinar; moraremos juntos, a casa é grande”. A casa é grande — repetimos nós, olhando as feições esbatidas do tio Gabriel. O seu porte não correspondia ao vulto que imaginamos atravez da eloquencia paterna. Não era um forte; o corpo se arqueava como si um peso o acurvasse para a frente e as faces duma côr de cera pareciam de morto. Eram tres horas da madrugada e ainda se conversava animadamente ao redor da mesa quando um bocejo longo nos fez pensar no cansaço do velho tio. Demos-lhe o quarto da sala, destinado aas hospedes. Coitado! ha quantos annos não veria um leito bom como aquelle? Ficamos ainda á mesa em commentarios cheios de exclamações e surpresas. Lá fóra amiudavam os gallos e a chuva cedía; do beiral já gottejavam as ultimas aguas da tormenta.

Disponhamo-nos a dormir as horas que restavam para o amanhecer quando ouvimos o chapinhar de um cavalleiro apressado e logo um ancioso — “O’ de casa!”

Que historia! exclamou o velho chefe; alguma nova surpresa? Abriu-se a porta. Um mulato magro, sem reverencia alguma saccou do bolso um telegramma. Dentro estava escripto: — Em Rincão; casa de amigo; meia noite, falleceu Gabriel Lopez. Gabriel Lopez! não era o nosso tio! não repousava na alcôva da sala? Havia de ser enganado; vôamos ao quarto, escancaramos a porta... Nada! tudo vasio; o leito sem uma ruga, intacto. Unicamente um mystico aroma de incenso e rosas murchas perfumava o aposento vasio. Fóra uma visão; fóra o fantasma do tio Gabriel.

Longe vinha o dia pallidamente. Na meia luz da nossa memoria vibratilizada pelas emoções da noite, desfazia-se aos poucos a personalidade mysteriosa do Tio Gabriel, cujo olhar velado duma tristeza que parecia eterna, diluía-se como as ultimas estrellas nos esplendores da manhã, enchendo-nos a alma duma dôr profunda, convidando-nos a chorar. E choramos sentidamente.

SUPPLEMENTO

A philosophia de Tan

Nunca li obra alguma do philosopho chinês. Sei-lhe apenas o nome e conheço-lhe o juvento, que aliás, é obra de folgo: um brinquedo de creanças...

Si Tan escreveu algum tratado ignoro-o; si existiu, não sei; mas com certeza, era philosopho e chinês. Si duvidar informem-se do tangramma.

Qualquer um, mesmo um pirralho esclarecel-os-á a respeito, recortando em papel cartão quadrangular as sete cabalísticas, geometricas figuras: um parallelogrammo, um quadrado, dois triangulos grandes, outros tantos menores e um medio. Com esse barro fazem-se homens e coisas e até aquillo que satan não: houvesse imaginado.

E o pequeno que isto lhes disser accrescentará, por certo, á guiza de indefectivel credencial, a particularidade notavel de ter sido o tangramma o passatempo predilecto de Napoleão I.

E me venham dizer, depois, que Tan não era philosopho e chinês... Pouco importa que elle não tenha existido. Estará, então, em muito boa companhia, junto de Homero, Lycurgo, Shakspeare e celebridades faes, bastante celebres para que sua existencia seja posta em duvida. O facto é que existe a obra prima da tranquillidade, que é delle.

Eis quanto basta para haver uma philosophia de Tan. Mas ainda ha mais. Pois o passatempo de Bonaparte poderia deixar de ter uma philosophia? Não se concebe irreverencia tamanha. O tangramma precisa ter, tem uma profunda sabedoria, es-traugulada, esquarterada nos seus sete pedaços, como por certo, o bom chinês tambem o foi. (Precisa ver-se que um çhim de genio devia ter mais de quatro quartos).

Pois é isso. O brinquedo de papelão foi inventado por um philosopho, que lhe transfundiu alguma coisa de sua alma, porque Napoleão não era qualquer, nem era homem para matar tempo. A expressão "passatempo" é o que ha de esfarrapadamente euphemico. Elle matava coisa melhor: a gallinha, o ganso, o vendedor de porcelana, o homem na barquinha e outros animaes que se fazem e desfazem com o tangramma. Sempre féra...

E, além disso, tinha prazer ainda maior: gosava o riso philosophico, sardonico, esboçado naquelles caracteres cuneiformes e nelles via a morte moral do genero humano...

Era isso. Devia ser, ao menos, por honra da firma. E, si não foi, melhor para mim, que terei, nesse caso, para honra da familia, a prioridade na decifração dos sete hieroglyphos.

* * *

Começarei, portanto, por dizer que a philosophia de Tan, si não é delle, é minha, bem que eu não seja çhim; e, si jamais foi entrevista por ne-

nhum guerreiro entediado, foi por mim deduzida do texto, incomprehen-sível aos olhos do vulgo, bem que eu não seja nenhum matador em disponibilidade.

Eu sempre achei exquisito o tangramma. Fazer uma gallinha, decompol-a e, com suas partes, crear um homem, sem, no entanto, lh'as dar a comer! Ou de um ganso fazer uma fructeira ou um lampeão!... Simples e profundo! (Pudera! Não fosse tal e desabaria sobre mim o mundo todo para vingar-se da affronta que lhe faria em ser profundo e complicado.)

E puz-me a pensar, largos dias, na chinesa intenção occulta, que presidira á factura do magno brinquedo. Alli havia dedo...

Transcendi. Passei pelo monismo e debestei Haeckel, pelo Evolucionismo e abominei Spencer... Chegara tarde para formulr essas theorias, que aliás estavam ha seculos alli, latentes, no papel recortado. Consoleime, afinal, com o diminuir-lhes a gloria, dizendo que muito antes o meu Tan já fizera do Um salhir o Tudo e o Tudo voltar a Um. E com grande vantagem sobre aquelles dois, porque não escreveu, mas demonstrou materialmente a Verdade... O seu invento é a corporisação daquellas philosophias.

Nós somos tangrammas; viver é brincar com tangrammas; o mundo não passa de um grande tangramma... Sim, senhores. No fundo tudo é papel... perdão! materia e o que fazemos é dar-lhe esta ou aquella forma. E a alma?

A alma tambem é um quadrado de papel a se recortar, á medida que crescemos, nas sete figuras «tangrammaticas». E são ellas que, quando queremos philosophar, se põem a dançar, desordenadamente, em nosso cerebro, até que se coordenam em uma imagem. Mas esta varia de individuo para individuo, porque não está na sua vontade armár o tangramma da razão assim ou assim. Nascemos já com a silhueta bosquejada no intimo, mais ou menos definida nesta ou naquelle. O trabalho é determinar-lhe os contornos, justapondo-lhes os polygonos para resultar a nossa personalidade. E é difficil isto, porque alguns têm mais de um bosquejo e de um para outro andam, sem nada conseguir de estavel...

Na razão do valor da effigie que compuzermos está o nosso talento. Quem não sae do quadrado é... naturalmente, quadrado. Quem chega ao lampeão é menos grosseiro. E aquelle que confecciona o ganso é quasi agnia. Nessa proporção tambem está a nossa philosophia: simplista, barata, transcendente...

A philosophia do nosso homem — como se vê — é extraordinariamente monista. Admitte a existencia de todas as outras, que não são mais que formas da verdadeira. Admitte também aquelle do suicido que se julga-

va pote. Pois si o seu tangramma só dava para isso...

E eu estou com o chinês. As theorias philosophicas são um traço caricatural, cujo complemento imaginamos de accordo com a propria idiosyncrasia... Assim, no geral, a carantonha do autor degenera na da gente.

E eis ali com o que brincam meninos e Bonapartes — com o succo de todas as sabedorias. Sempre é uma grande verdade que o simples é o profundo.

Magno Tan!

BRENNO FERRAZ.

**Avida anecdótica
e pittoresca dos
grandes escriptores**

Euclides da Cunha

Euclides da Cunha viveu em São Paulo. Fez-se em nosso meio e entre nós escreveu «Os Sertões». Fartamente conhecido, portanto, em nossas melhores rodas, facil se torna apanhar algumas notas sobre a sua vida, isto é, sobre o seu modo de ser, a maneira de encarar as coisas e de se conduzir entre os factos.

A proposito, a personalidade do grande mestre do estylo se revelava sempre typica, inconfundivel, com um caracter anecdótico significativo de bem vincadas feições moraes. A verdade a seu respeito é, sempre, verdade pittoresca. E' que a originalidade estava-lhe nos instinctos, no mais profundo dos nervos.

Entre os episodios do seu dia a dia, conta-se um, occorrido nesta capital, em casa de distincto pulista. E' uma passagem simples, vulgar, mas cheia de significação. Anima-a o grande poder affectivo, o forte sentimento, que distinguia o genial brasileiro. Resuma, ao mesmo tempo, um amor proprio hypertrophiado e um orgulo tão profundo quanto insopitavel.

Euclides da Cunha, quando de passagem por São Paulo, hospedava-se, geralmente, com um dos seus amigos. Mesmo com familia, mulher e todos os filhos, um bello dia lá vinha elle — gente de casa, que chega e entra e, quando vae, só deixa saudade. Uma vez, de mudança, precisou deixar nessa casa algumas malas, engradados e outros volumes, que na occasião não podiam seguir com elle. Muito bem. Lá ficou tudo sem maior incommodo para quem quer que fosse.

Tempos depois, volta Euclides e procura o que era seu. Levam-no ao porão. Embora na meia obscuridade daquelles quartos baixos, mas nem tanto que nelles não se andasse á vontade, os seus guardados ficavam bem

Fasciculo n. 5

O Lundum — José Verissimo	73
A Feiteira — Inglez de Souza	76
Uma Santa Brasileira — Santa Diana — Lima Campos	80
G. C. P. A. — Gastão Cruls	83
SUPPLEMENTO — Vida literaria — Psychologia do theatro	
Curiosidades literarias — «A Comedia»	86
Os nossos poetas — Uma satyra de Hilarrio Tacito	88

Fasciculo n. 6

Preço de Sangue — Jorge Falleiros	89
Os vícios delles — Julia Lopes de Almeida	91
Clarinha das rendas — Mario Sette	93
conomia domestica — Euolydes Andrade	100

SUPPLEMENTO — A vida anecdotica e pittoresca dos grandes escriptores — Simões Pinto — Lourenço Filho	
Vida literaria — O paradoxo da cultura A. M.	102
Curiosidades literarias — VERSOS — João Ribeiro	103

Fasciculo n. 7

Briga de gallos — Julio Scheibel	105
Lagryma perdida — Lucio de Mendonça	107
O Cordão — Thales Andrade	111
O Orrepio — Oscar Lopes	116

SUPPLEMENTO — Vida Literaria — CRITICA — Melian Lafinur	
Paginas Celebres — Da «Arte de Furtar»	119
Leituras — O nome Brasil — Questões de Portuguez — Reliquias da Memoria	120
Os nossos poetas — Uma bella imagem	120

Fasciculo n. 8

Rogério, o rude — Raul Pompeia	121
Um problema de psychologia — Léo Vaz	123
A fuga — Affonso Arinos	124
Noite de São João — Luiz Carlos	127
“Mãe Maria” — Olavo Bilac	129
Jesus — Thomaz Lopes	132

SUPPLEMENTO — A vida anecdotica e pittoresca dos grandes escriptores — Euclides da Cunha — Viriato Corrêa	
Vida literaria — A «Atlantida»	134
Os nossos poetas — Paulo Eiró — Amadeu Amaral	135
Paginas celebres — De Amacreonte	136

Fasciculo n. 9

Anecdota pecuniaria — Machado de Assis	137
A lavadeira — José Verissimo	141
Natal no Lourenção — Waldomiro Silveira	144
A venda secca — Oliveira e Souza	144
O velho escriptorio — F. Silveira	146
O Tónico — João do Norte	149

SUPPLEMENTO — A vida anecdotica e pittoresca dos grandes escriptores — Coelho Netto	
Os nossos poetas — «Inania verbas» — B. F.	150
Curiosidades literarias — A «Atlantida» de Platão — H. de Rouville	151
Leituras — Vultos e Livros — Figurões vistos por dentro — Piraquaras	152

Fasciculo n. 10

A Façanha do Imperador — Theodoro Magalhães	153
Querer bem — Afranio Peixoto	158
Ultimo lance — Aluizio Azevedo	161
São José — Thomaz Lopes	162

SUPPLEMENTO — A vida anecdotica e pittoresca dos grandes escriptores — Olavo Bilac — Mario de Alencar	
Vida literaria — Capitães literarias	166
Tradição e novidade em poesia	167
Curiosidades literarias — Helena, «a dos braços brancos» — Helena, «a das bellas faces»	168

Fasciculo n. 11

A resalva — João Luso	169
A Virgem das esmeraldas — Castro Menezes	172
O velocipede — J. Ramos	174
A esmola — Mario Sette	177
Tia Elisa — Julio Scheibel	179
A carta do suicida — Sud Mennucci	180

SUPPLEMENTO — A vida anecdotica e pittoresca dos grandes escriptores — Amadeu Amaral — Paulo Duarte	
Curiosidades literarias — Pensamentos de Ruy Barbosa (Collectanea do Mario de Lima Barbosa)	182
Racine em Café-concerto	183
Leconte do Lisle — Jean Dornis	184

Fasciculo n. 12

Na escola — José Sizenando	185
Conto de Fadas — Raul Pompeia	188
A cara do meu visinho — Julia Lopes de Almeida	180
A vingança do Teixeirainha — Nicolau Pero	192
Christo — Sylvio Floreal	194
Trapos da vida — Manoel Victor	196

SUPPLEMENTO — Vida literaria — Visão geral da litteratura brasileira — Monteiro Lobato	
A aurora de Castro Alves — Ronald de Carvalho	198
Curiosidades literarias — Litteratura do outro mundo	199

Fasciculo n. 13

A velhinha — Affonso Arinos	201
Má sina — Lucilo Varejão	203
O natal de Voltaire — Eduardo Prado	204
A ermida — Rodrigo Octavio	207
O poder de D. Domitilla — Viriato Corrêa	209
O avô — Godofredo Rangel	210
O Tio da Escocia — Lucio de Mendonça	211

SUPPLEMENTO — A vida anecdotica e pittoresca dos grandes escriptores — Uma carta inedita de Euclides	
Vida literaria — Géa Tatú na Argentina — Manoel Galvez Filho	214
Curiosidades literarias — Ponson du Terrail, poeta	215
O «tactilismo» — S.	215
Um discurso proferido pelo grammophone	216
Os nossos poetas — Simões Pinto	216

Fasciculo n. 14

Vida elegante — Julio Cesar da Silva	217
A entrevista — Theodoro Magalhães	219
O homem das circulares — Jurandyr Gomes	224
Simplicidade — Coelho Netto	226
Dois idiotas — Julio Scheibel	227

SUPPLEMENTO — A vida anecdotica e pittoresca dos grandes escriptores — Ricardo Gonçalves — M. Villuca de Camargo	
Curiosidade literarias — A's senhoras bahianas — Castro Alves	229
O Centenario de Flaubert — C.	230
Paginas esquecidas — O vocabulario — Coelho Netto	231
Os nossos poetas — Julio Cesar da Silva	231

Fasciculo n. 15

Alma frivola — Sud Mennucci	233
Chicão “Duas mortes” — Dimas Camargo Stein	235
Divina — Jorge Falleiros	240
Peito largo — Carlos da Fonseca	241
Tio Gabriel — F. Silveira	243

SUPPLEMENTO — A philosophia do Tan — Brenno Ferraz	
A vida anecdotica e pittoresca dos grandes escriptores — Euclides da Cunha — B. F.	245
Vida literaria — O jornalismo e as ligetas — José Maria Bello	245
Urupês na Argentina	246
Paginas esquecidas — Primavera — Raul Pompeia	247

Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) 1\$000
Um soneto de Bilac (critica) 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) No prélo

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) No prélo

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commerciantes 8\$000
Estudos de Direito Commercial 10\$000
A Hypotheca Naval no Brasil 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commerciante precisa saber
(10.º milheiro) 2\$000
Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcos
(2.a edição, 8.º milheiro) 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i>	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i>	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i>	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i>	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATU, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i>	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i>		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i>	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i>	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i>	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i>	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i>	2\$000	—	VULTOS E LIVROS (Academia Brasileira de Letras) <i>Arthur Motta</i>	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i>	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i>	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i>	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amáden Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$ centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

A Pulseira de Ferro por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "E' no genero uma verdadeira obra prima," — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

Os Negros por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

Ritinha por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

Mula sem cabeça por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, auctor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

A seguir novellas de:

Coelho Netto,
Afranio Peixoto,
Waldomiro Silveira
Cornelio Pires e outros.

Cada volume 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

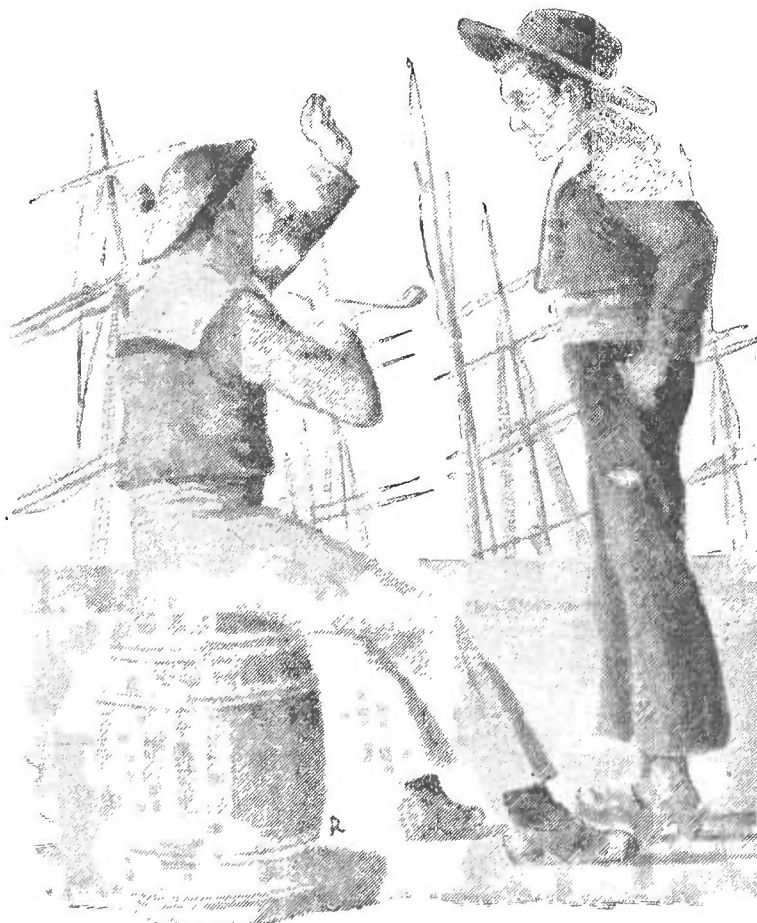
Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora
Olegario Ribeiro
Rua Dr. Abranches N. 43
Caixa, 1172 - SAO PAULO

OS NEGROS



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).